Capítulo VIII — Evangelização mais recente da China

> **Sumário.** Os Franciscanos. — Reflexões sobre a obstinação atual dos Chineses em seus erros.

Para dar a cada um segundo as suas obras, é justo dizer que a glória da evangelização da China no século XIV cabe antes de tudo aos filhos de são Francisco; mas não é a única. Já que a ocasião se apresenta, digamos uma palavra da abundante messe colhida em todas as partes do universo por esses ardentes e infatigáveis operários: alguns números, aliás bem certos, dão uma ideia dela.

Desde a segunda metade do século XIII até o fim do século XVIII, os conventos de são Francisco, tanto na Europa e na Terra Santa como na Ásia e no Novo Mundo, contaram sempre em média de 200.000 a 300.000 religiosos. Desde o fim do século XIII, os frades Menores ou Franciscanos achavam-se por toda parte nas missões, mesmo nas mais longínquas, as da China, do Tibete, da Tartária.

Sua ação nas missões do extremo Oriente era tal que, no século XIV, o superior de uma delas não receou pedir de uma só vez, a um capítulo geral, 4.000 missionários, e o capítulo geral não achou esse pedido exorbitante. Mais tarde, por ocasião das grandes descobertas dos séculos XV e XVI, os filhos de são Francisco seguiram aos milhares os Espanhóis e os Portugueses.

Assim, quando são Francisco Xavier aportou às Índias, encontrou ali 318 estações franciscanas anteriormente estabelecidas. Depois da revolução de 93, o número dos religiosos que reconhecem são Francisco por pai diminuiu sem dúvida muito. É, no entanto, ainda hoje de 30.000; e, como nos séculos passados, encontram-se esses religiosos em todas as regiões do mundo e nas missões mais longínquas.

Graças à nossa educação, os gigantescos trabalhos de nossos antepassados, bem como as maravilhosas instituições da Idade Média, são para nós letra morta.

Ainda que nos faltassem as provas de fato que acabamos de referir, restar-nos-iam duas poderosas razões para crer na evangelização apostólica da China. A primeira é a impossibilidade de admitir, em presença das palavras de Nosso Senhor, o abandono, por quinze séculos, nas trevas da

idolatria, de um império tão extenso que sua população forma um terço da população geral do globo. Esta é de cerca de mil e duzentos milhões de homens, e a China conta de trezentos a quatrocentos milhões de habitantes.

O Filho de Deus veio, diz-nos ele mesmo, para desfazer a obra do diabo: *«Para destruir as obras do diabo he que o Filho de Deos veio ao mundo»* (1 Jo 3, 8). A obra do diabo é o seu império sobre as almas, império cujas imensas fronteiras abraçavam o globo inteiro, menos o pequeno canto de terra chamado Judeia: *Notus in Judæa Deus*.

É crível, isto é, conforme ao fim de sua redenção, que Nosso Senhor tenha querido deixar, durante dezoito e vinte séculos, o demônio pacífico possuidor de mais da metade do globo? Com efeito, o que dizemos da China aplica-se aos povos inumeráveis da Ásia, da África, da América e da Oceania, cuja evangelização teria sido adiada até os tempos modernos e nem sequer estaria concluída em nossos dias! Nessa hipótese, que será da promessa várias vezes renovada aos apóstolos por seu divino Mestre de que lhe dariam testemunho diante de todas as nações, *omnibus gentibus*, até as extremidades da terra, *usque ad ultimum terræ*?

Que o Redentor do mundo se tenha feito desejar durante quatro mil anos, concebe-se. Era preciso, de um lado, que a Providência preparasse a sua vinda por uma longa série de milagres e de acontecimentos, próprios para fazê-lo reconhecer e tornar milagroso em primeiríssimo grau o estabelecimento de seu reino. Era preciso, de outro lado, que o homem fizesse longa experiência de sua profunda degradação e da irremediável impotência em que estava de sair dela. Mas, uma vez feita a experiência e vindo o Redentor, por que novos adiamentos, e adiamentos de quase dois mil anos? Como fazê-los concordar com o zelo onipotente d'Aquele que dizia: *«Eu vim trazer fogo á terra, e que quero eu, senão que elle se acenda?»* (Lc 12, 49).

Uma segunda prova, assaz sólida a nossos olhos, da evangelização primitiva e da cristianização da China é a obstinação excepcional dos Chineses em sua idolatria. Nenhum povo debaixo do céu é tão refratário às luzes da fé. Há mais de trezentos anos que a Europa derrama rios de ouro e de sangue para converter essa nação; e, de trezentos a quatrocentos milhões de habitantes, a China não conta seiscentos mil católicos, cerca de um terço de Paris! E, se os missionários europeus viessem a desaparecer, com eles desapareceria logo o cristianismo.

De onde pode vir tal resistência? Salvo engano, não se pode dizer que ela vem em grande parte do abuso das graças? Filha de Noé como todas as outras nações, a China, afastando-se durante a duração dos séculos do berço primitivo, levara consigo as tradições paternas. Em vez de conservá-las intactas, filho pródigo, alterou-as consideravelmente. No entanto, é fato hoje posto em evidência que seus antigos livros conservam vestígios muito numerosos das revelações bíblicas, tanto do Antigo como do Novo Testamento.[1]

Além disso, a China recebeu o dom da fé desde o começo do cristianismo. Durante muito tempo o guardou; perdeu-o. Reavê-lo é mais difícil do que se jamais o tivesse recebido. A conversão da China, seja dito de passagem, se algum dia houver de ocorrer, não é, pois, mais necessária, ao menos em proporções muito consideráveis, para justificar a Providência e retardar indefinidamente a hora do último dia. Tal é também o sentimento de Suárez.[2]

Que a lembrança do cristianismo esteja mais ou menos perdida entre as populações chinesas, isso não constitui objeção. Sabe-se que uma característica particular dos Chineses é nunca inscrever em seus anais o que é contrário às suas ideias ou humilhante para o orgulho nacional; com mais forte razão se guardam de falar disso.

> *A tal ponto, dizia-nos há pouco um bispo, missionário há trinta anos no celeste império, que antes de alguns séculos a tomada de Pequim pelos Franceses e pelos Ingleses será esquecida, ou apresentada sob luz tão falsa que os Chineses tirarão vaidade desse acontecimento.*

Notas

[1] Ver a douta obra do padre Prémare, publicada recentemente nos *Annales de philosophie chrétienne*, do sr. Bonnety.

[2] *Non videtur necessarium ut propter hoc signum futuri judicii dicamus, antequam Christus ad judicandum veniat, in tota Asia vel Africa iterum esse praedicandum evangelium, atque omnes illas gentes prius esse ad fidem convertendas. Cum enim jam in iis provinciis praedicatum sit evangelium, fundataque ecclesia, et ex illis gentibus multi fuerint salutem consecuti, ex nulla prophetia aut scripturae testimonio colligi potest iterum esse ibi praedicandum, aut illas gentes iterum ad fidem convertendas.* Suárez, *De signis ultimi judicii*, n. 12.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:27 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin